



LIVRO DE SUMÁRIOS

FILOSOFIA DO CONHECIMENTO I
Ano lectivo: 2001-2002

DOCENTE: Sofia Miguens

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Letras
ARQUIVO CENTRAL
N.º _____
Data 09/08/2002

Outubro 8, AULA 1

Apresentação do Programa. As opções subjacentes: filosofia contemporânea, teoria da mente e do conhecimento como meta-teoria das ciências cognitivas. As ciências cognitivas: quais são. Passos na progressão do Programa: 1. Introdução geral à teoria da mente e do conhecimento, 2. História das ciências cognitivas, 3. Filosofia da mente (autores e problemas), 4. A questão da naturalização da epistemologia.

Comentário à Bibliografia, referência aos textos de leitura obrigatória que serão disponibilizados como Textos de Apoio. Avaliação: normas. Referência às condições da elaboração de trabalhos de pesquisa. Horário de atendimento. Distribuição de um inquérito aos alunos (assunto: línguas, uso de meios informáticos e experiência prévia em trabalhos de pesquisa).

Outubro 10, AULA 2

A naturalização da epistemologia: o que significa. O tema geral da teoria do conhecimento: crenças e justificação das crenças. Crenças como estados mentais / atitudes proposicionais. Tipos de estados mentais: atitudes proposicionais e *qualia*. A intencionalidade (*aboutness*) das crenças. As proposições como medidas do conteúdo mental. As crenças como pretensões de verdade (*truth claims*) não explícitas. A justificação: sustentação de crenças através de razões ou provas. Metáforas para o corpo das crenças no que respeita à justificação: existência ou não existência de crenças básicas. As crenças básicas como auto-justificadas. Fundacionalismo (exemplos: o cartesianismo e o empirismo, as crenças básicas correspondentes – o cogito e as crenças acerca da experiência sensorial) e coerentismo. A imagem do Barco de Neurath.

Classificação de posições metafísicas e epistemológicas quanto à natureza e origem do conhecimento e de posições semânticas quanto ao estatuto das frases que expressam o conhecimento: idealismo e realismo, apriorismo (racionalismo) e aposteriorismo (empirismo), analítico e sintético.

Uma outra visão do estatuto da justificação: internalismo versus externalismo. A importância ou não importância da consciência do sujeito quando está em causa o conhecimento como 'crença justificada e verdadeira'. Introdução da definição tripartida de conhecimento. Exemplos: cognição animal e posição externalista, conhecimentos científicos explícitos e internalismo.

Outubro 15, AULA 3

Mente e conhecimento, crenças e justificação. Análise da vida mental: estados intencionais e *qualia*. *Aboutness* como marca do mental (a intencionalidade não é nem uma característica dos substratos causais nem uma característica do 'mundo exterior'), *truth-claims*, proposições como medidas do conteúdo, crenças como guias da ação, as crenças explícitas e o inexplicável. O acesso directo e privilegiado à mente. *Qualia* e primeira pessoa. O problema das outras mentes. *Qualia* e experiências de pensamento: o zombie, o Espectro Invertido. Os diversos tipos de agentes cognitivos (humanos, animais, artificiais). De novo as teses acerca da natureza e origem do conhecimento e as teses acerca do estatuto das frases que exprimem conhecimento.

Outubro 17, AULA 4

Mente: crenças e *qualia*. Crenças como atitudes proposicionais (o significado de ‘atitude’ e o significado de ‘proposicional’). Crenças e justificação de crenças. Definição tripartida de conhecimento. A ‘crença’ como noção psicológica, a ‘justificação’ como noção epistémica valorativa, a ‘verdade’ como noção semântica / metafísica. Os problemas da justificação e as teses metafísicas relativas à natureza do conhecimento (idealismo e realismo), as teses epistemológicas relativas à origem do conhecimento (apriorismo e aposteriorismo), as teses semântica relativas ao estatuto das frases que exprimem conhecimento (analítico e sintético). A justificação e as imagens ‘arquitectónicas’ relativas ao corpo das crenças (fundacionalismo e anti-fundacionalismo). Naturalização da epistemologia versus ideia de uma ‘Filosofia Primeira’. Acesso directo, acesso privilegiado, acesso (não) incorrigível. O acesso à mente e o Mundo Real Exterior. ‘Essência’, ‘aparência’ e scepticismo. Diferenças entre o scepticismo clássico e o scepticismo metodológico.

Outubro 22, Aula 5

Evidência e inquérito a vários níveis: nível 1 (agente cognitivo), nível 2 (teoria científica da cognição, nível 3 (teoria filosófica da mente e do conhecimento). Scepticismos. Uma definição (grega) de scepticismo: Sexto Empírico. Scepticismo global, solipsismo. O que há de errado com o scepticismo? A megalomania da razão. Crenças, voluntariedade e não voluntariedade: a suspensão da crença é voluntária, a maior parte das crenças não o são. Scepticismos locais: scepticismo acerca das outras mentes, scepticismo moral, scepticismo acerca do passado. ‘Escolha’: scepticismo metodológico. Caracterização comparativa de ‘inteligência’ (como resolução de problemas, interface interior/exterior, adequação do comportamento, gestão meios/fins) e de ‘consciência’. Diferença entre *conscience* (consciência moral) e *consciousness* (estar desperto, estado de vigília, estado de alerta, sentir). Intencionalidade e auto-monitorização, auto-reflexividade e Eu. Representação de si: tácita e explícita. Estratificação da representação de si. O espectro das posições acerca da distribuição da consciência: do solipsismo ao pampsiquismo. As implicações éticas da investigação da questão da consciência. Outras mentes. O problema mente-corpo (ou mente-cérebro): caracterização da assimetria. Acesso directo à mente e acesso indirecto ao corpo (referência aos vestígios de dualismo neste contraste). Soluções para o problema mente-corpo: A solução cartesiana, o monismo fisicalista, a teoria do aspecto dual.

Outubro 24, Aula 6

Introdução histórica à teoria da mente e do conhecimento: os problemas da Razão, da Personalidade e da Consciência (R. Rorty, *A Filosofia e o Espelho da Natureza*). Sentidos de ‘mente, espírito ou alma’: esquema. A importância de tais sentidos na elaboração de uma teoria do conhecimento. Racionalidade: inteligência consciente. Consciência: auto-apercebimento sensorializado. Personalidade: individualidade e destino. Tese 1 (R. Rorty): nos termos para mente e pensamento converge uma teoria do conhecimento e da natureza da realidade. Tese 2 (R. Rorty): não há uma forma perene dos problemas da mente e do conhecimento. Platão e Aristóteles: a mente como Razão face ao problema religioso da personalidade e da imortalidade. Os Universais. A inefabilidade do particular segundo Aristoteles. A *theoria*. O uso da palavra *psychê* em Platão e em Aristoteles. Platão: *psychê*, *soma* e *catharsis* – a concepção da relação Alma/Mundo. Aristóteles: o ‘encaixe’ das almas sensitiva, vegetativa e intelectiva e o *noûs poietikos*. Imaterialidade e imortalidade do espírito em Platão e em Aristóteles. Aristóteles: a relação entre a natureza metafísica da realidade, a forma mental de a aperceber e a organização lógica dos conhecimentos. O sentido abrangente da palavra ‘filosofia’.

A mente como consciência: Descartes. Tese (R. Rorty): nenhuma noção semelhante a ‘consciência’ é necessária para descrever a forma como Platão e Aristóteles pensaram na

natureza do pensamento e da realidade. Consciência como indubitalidade. ‘Ideias’ como seres na/da consciência (da dor a Deus). Para que serve a noção cartesiana de consciência? O idealismo como sistema metafísico.

Os problemas da ‘sensorialização’ cartesiana daquilo que para Platão ou Aristóteles era puramente intelectual (o agente do conhecimento). O problema dos (outros) animais e a teoria do animal-máquina.

Outubro 29, Aula 7

Descartes: a mente como consciência imaterial, a esfera interna das ideias, a incorrigibilidade e a certeza. O gérmen do idealismo: a subjectividade ao centro do sistema do mundo. A epistemologia cartesiana como exemplo de fundacionalismo. A justificação pela fundação no pensamento da actividade da ciência natural (essência do mundo físico como *res extensa*). A mente como Sujeito Transcendental: Kant. O apriorismo ou transcendentalismo não é um inatismo nem um imaterialismo. Diferença entre transcendental e transcendentais. As três *Críticas* e o transcendentalismo nas áreas cognitiva, ética e estética. Kant como marco da separação histórica entre filosofia e ciências. A ideia de ‘filosofia epistemologicamente centrada’. O desaparecimento histórico da figura do filósofo-cientista. Romantismo versus Iluminismo. Características do Romantismo como ideologia e ligações do Romantismo com os acontecimentos da filosofia continental no século XIX. Os inícios da separação entre filosofia analítica e filosofia continental.

Outubro 30, Aula 8

O afastamento entre filosofia analítica e filosofia continental. Husserl e Frege. Os discípulos de Frege e Husserl: Heidegger e Wittgenstein e as diferenças no método filosófico. As origens da filosofia analítica: o empirismo do século XVIII, a lógica formal, o positivismo lógico. O critério de significação do positivismo lógico. A influência do *Tractatus* de Wittgenstein: o ‘sentido’ e o ‘sem-sentido’. O estatuto das tautologias, o estatuto das frases com conteúdo empírico e a transgressão dos limites da linguagem. W. V. Quine: a crítica ao empirismo dos positivistas lógicos.

Novembro 5, Aula 9

As grandes linhagens da filosofia do século XX: filosofia analítica e fenomenologia. A identidade da intenção anti-psicologista. Caracterização do anti-psicologismo em relação com a *epoché* (fenomenologia) e com a análise da linguagem (filosofia analítica).

A divisão do trabalho entre filosofia e ciência de acordo com o positivismo lógico. O critério de significação do positivismo lógico e as implicações deste (estrita distinção entre analítico e sintético, estrita distinção entre o filosófico e o científico, metafísica como transgressão a afastar). A cartografia do dizível/ pensável feita por Wittgenstein no *Tractatus* (*sinnlos*, *sinnvolle* e *unsinnig*) e a forma como o positivismo lógico tomou esta cartografia ignorando alguns dos seus aspectos.

A crítica ao empirismo no seio da filosofia analítica: o empirismo sofisticado de W. V. Quine. O significado do artigo *Two Dogmas of Empiricism* (1953) na história da teoria do conhecimento. Os dois dogmas: (i) a distinção analítico-sintético e (ii) o reducionismo. A comparência das crenças ao tribunal da experiência: duas imagens em contraste (crenças isoladas ou uma teia de crenças entrando em contacto e possível conflito com a experiência apenas nos bordos). Crenças-bordo e crenças-núcleo. As ideias (i) qualquer crença pode ser revista e (ii) qualquer crença pode ser mantida mediante suficientes reajustes no corpo das crenças. Empirismo holista. Impossibilidade de distinção clara entre o analítico e o sintético. Indistinção entre ciência empírica e metafísica especulativa. Epistemologia naturalizada.

Novembro 7, Aula 10

Os ataques ao Mito do Dado feitos por W. V. Quine e por Wittgenstein II. Recapitulação dos argumentos de *Two Dogmas of Empiricism* quanto à distinção analítico-sintético e quanto à divisão do trabalho entre filosofia e ciência. O Argumento da Linguagem Privada nas *Investigações Filosóficas* (1953): anti-expressivismo relativamente aos relatos articulados de partes da vida mental. O que seria uma linguagem privada, por que é que não existem linguagens privadas. O uso, a prática pública. Solipsismo e linguagem privada. O anti-interiorismo e a natureza da inteligência e da consciência.

Introdução às Ciências Cognitivas. Os vários caminhos de chegada às ciências cognitivas (*cognitive science*): a história da filosofia analítica, a história da lógica, a história da psicologia. As ciências cognitivas: disciplinas e autores. A Revolução Cognitiva dos anos 60/70: dados históricos. A metáfora do cognitivismo: a mente está para o cérebro como o *software* para o *hardware*. Cognição, substrato e funções. O dualismo inerente à metáfora. Alan Turing e John Von Neumann: os pais do computador como máquina abstracta. Os conceitos de Máquina de Turing, Máquina de Turing Universal e Máquina de Von Neumann.

Novembro 12, Aula 11

As ciências cognitivas: o que as define. O dualismo inerente ao paradigma cognitivista em ciências cognitivas. Definições: ‘Paradigma’, ‘Cognitivismo’, ‘Funcionalismo’. *Hardware* e *software*: exploração da analogia fundadora (‘A mente está para o cérebro como o *software* para o *hardware*’). O computador como ‘máquina cognitiva’ e as ideias filosóficas que lhe deram origem. O conceito de Máquina de Turing (A. Turing) como formalização da noção informal de algoritmo. Exemplo de algoritmo: o algoritmo de Euclides (leitura de extractos de um texto de R. Penrose, Bloco de Textos nº2). A correspondência entre Máquina de Turing e algoritmo. Os elementos da noção (estados internos, estados discretos, o que é finito e o que é infinito). A definição de Máquina de Turing Universal em correspondência com qualquer algoritmo. Máquinas que ‘imitam’ outras máquinas. Máquina de Von Neumann, máquina serial. Problema: nós somos ‘seriais’ ou ‘paralelos’? Cérebro e fluxo da consciência.

A importância da história da lógica na história das ciências cognitivas. A matematização da lógica. G. Boole e a formalização de pensamentos na linguagem das classes: exemplos. G. Frege, quantificadores. ‘Paradoxo’: definição.

Novembro 19, Aula 12

Ciências cognitivas, cognitivismo e funcionalismo. Dualismo materialista. Ideias de Máquina de Turing Universal e de Máquina de Von Neumann: o culminar de um percurso. De novo a história da lógica: G. Boole e a linguagem das classes, G. Frege e a ideia de uma ‘*Begriffschrift*’. Exemplos de frases quantificadas e que exprimem relações. O paradoxo de Russell, o paradoxo do barbeiro, o paradoxo de Grelling. A teoria dos tipos (B. Russell). A ideia de sistema formal. Axiomas, teoremas, regras de inferência: definições. Exemplo de um sistema formal (D. Hofstadter, Gödel, Escher, Bach, O quebra cabeças MU, Bloco de Textos nº2). Descrição intuitiva do conteúdo do Teorema da Incompletude de Gödel a partir da noção (sintáctica) de derivabilidade. Números de Gödel. Máquina de Turing e o problema da paragem.

Novembro 20, Aula 13

História das ciências cognitivas – história da lógica (recapitulação da aula anterior). Discussão em torno da ideia de ‘cognitivismo’. (representacionalismo, computacionalismo, funcionalismo). Teoria da Identidade e funcionalismo. Referência a H. Putnam e J. Fodor como teorizadores do cognitivismo filosófico. História das ciências cognitivas – história da psicologia: a oposição do cognitivismo ao behaviorismo.

Novembro 26, Aula 14

O diferendo entre behaviorismo e cognitivismo na psicologia. Pressupostos metodológicos do behaviorismo psicológico. O funcionalismo como justificação filosófica da psicologia cognitivista. O Teste de Turing: contextualização e pressupostos. O jogo de imitação: versão 1 e versão 2.

Novembro 28, Aula 15

Alan Turing, *Computing Machinery and Intelligence* (1950): leitura e análise do texto.

Dezembro 3, Aula 16

Alan Turing, *Computing Machinery and Intelligence* (1950): os pontos principais (descrição do Teste de Turing, 'passar o Teste de Turing', listagem de argumentos avançados contra a ideia de existência de inteligência não humana). Paroquialismo e concepção da natureza da inteligência. Hilary Putnam, *Minds and Machines* (1960): um marco na elaboração do funcionalismo filosófico. O exemplo da máquina capaz de auto-monitorização (*self-scanning*) e a assimetria envolvida no problema mente-corpo. Níveis num agente cognitivo: nível físico, nível mental-funcional, nível fenomenológico. A consciência como problema para o funcionalismo: referência ao critério nageliano do '*what it's like to be...?*' (Thomas Nagel, *What is it like to be a bat?*, 1974).

Dezembro 5, Aula 17

Principais pontos relativos a (1) filosofia da mente e (2) filosofia da ciência em *Minds and Machines* de H. Putnam (1960). Estados físicos e estados lógicos, acesso indireto e corrigível e acesso directo e incorrigível. O estatuto das identificações teóricas. Problemas de filosofia da ciência: a filosofia da mente como filosofia da psicologia. O que faz a filosofia da psicologia: referência a J. Fodor. Ciência básica e ciências especiais, leis estritas e *leis ceteris paribus*. Obstáculos ao funcionalismo: o problema da consciência. Início da leitura do texto de T. Nagel (1974), *What is it like to be a bat?*

Dezembro 10, Aula 18

Principais pontos relativos a (1) filosofia da mente e (2) filosofia da ciência em *Minds and Machines* de H. Putnam (1960): recapitulação. Algumas definições do âmbito da filosofia da ciência: 'redução teórica', 'teoria', 'lei', 'contrafactual'. Leis estritas e *leis ceteris paribus*. O problema da redução teórica como um problema de correspondência entre leis e entidades de uma ciência de nível 'superior' com leis e entidades de uma ciência de nível mais básico (de modo a estabelecer o que é que no mundo baicamente há). O núcleo de Nagel 1974: as análises redutivas disponíveis de fenómenos mentais e a exclusão da consciência. Leituras de T. Nagel (1974), *What is it like to be a bat?*.

Dezembro 12, Aula 19

T. Nagel (1974), *What is it like to be a bat?*: leituras. Os problemas colocados a uma metafísica fisicalista pela existência de experiência subjectiva. Primeira descrição da experiência mental do Quarto Chinês de John Searle.

Dezembro 17, Aula 20

John Searle: da filosofia da linguagem à filosofia da mente. Leituras de *A Redescoberta da Mente* (1992) e *Minds Brains and Programs* (1980). Distinções: IA, IA Forte, IA Fraca, cognitivismo. A caracterização searleana das principais teses cognitivistas (leituras). A experiência de pensamento do Quarto Chinês. Que argumento seria a experiência de pensamento se fosse um argumento. Críticas à experiência de pensamento do Quarto Chinês. Sintaxe e semântica, níveis e pontos de vista.

Dezembro 19, Aula 21

John Searle, as críticas ao cognitivismo. Recapitação dos principais pontos da aula anterior relativos à experiência de pensamento do Quarto Chinês. Semântica e sintaxe, sintaxe e física. Leituras de *A Redescoberta da Mente*, Cap. 9, Crítica da Razão Cognitiva.

Janeiro 7, Aula 22

John Searle: recapitação da caracterização das tendências dominantes na investigação acerca de cognição, da distinção entre IA Fraca, IA Forte e cognitivismo e dos dois argumentos contra o cognitivismo. Definição do materialismo anti-reducionista searleano: consciência como essência da mente, princípio da conexão, redução causal, impossibilidade de redução ontológica devido à subjectividade ontológica da consciência, inserção da teoria da consciência na visão científica do mundo.

Daniel Dennett: apresentação da obra. A Teoria dos Sistemas Intencionais (TSI) e a Estratégia Intencional (EI), Modelo dos Esboços Múltiplos como modelo da consciência.

Janeiro 9, Aula 23

Daniel Dennett: a resposta à questão 'O que é o mental?' num quadro fisicalista/funcionalista (a Teoria dos Sistemas Intencionais e o Modelo dos Esboços Múltiplos). O diferente posicionamento da consciência nas teorias da mente de J. Searle e D. Dennett. Definições: Sistema Intencional, Estratégia Intencional, Estratégia do Design, Estratégia Física. Leituras do artigo 'Intencionalidade' (*True Believers*, Bloco de Textos nº4). Análise de exemplos. Princípios gerais da TSI.

Janeiro 14, Aula 24

Princípios da Teoria dos Sistemas Intencionais: recapitação. O 'problema de entrada' da teoria dennettiana da consciência: a Unidade e o Centro do Sistema Intencional não existem no cérebro. Níveis do Sistema cognitivo: físico (processamento paralelo distribuído), cognitivo (agentes) e fenomenológico (fluxo da vida mental).

Janeiro 16, Aula 25

Daniel Dennett, a teoria da consciência: leituras do capítulo Multiple Drafts Model versus the Cartesian Theater (*Consciousness Explained*, Bloco de Textos nº4). Princípios da teoria da consciência. Casos do tipo fenómeno phi, revisões orwellianas e estalinistas.

Janeiro 21, Aula 26

Daniel Dennett, a teoria da consciência: princípios da teoria da consciência. Referência ao Eu como conteúdo, como unificação virtual, como centro de gravidade narrativo. O MEM e a resposta aos problemas da não correspondência entre tempo físico (dos veículos da representação) e tempo fenomenológico.

Janeiro 22, Aula 26

Revisões.

